

SÓ POSSO FALAR DE IO LIVROS?

Henrique Barreto Nunes

- ▶ **Contos para os nossos filhos**, Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo
- ▶ **Colecção Formiguinha**, editada pela Majora
- ▶ **Colecção Manecas**, editada pela Romano Torres
- ▶ **Dois anos de férias**, Júlio Verne
- ▶ **O Corsário Negro**, Emílio Salgari
- ▶ **O juramento de Lagardère**, Paul Féval
- ▶ **Catamount no rochedo uivador**, Albert Bonneau
- ▶ **Edison**, Enid Lamonte Meadowcroft
- ▶ **O Mundo de Aventuras e A Bola**
- ▶ **Citânia e Sabroso**, Mário Cardozo
- ▶ **Viagem à aurora do mundo**, Erico Verissimo

Se nos esconderijos da memória com alguma facilidade (felicidade?) localizei as leituras diversas que marcaram a minha infância (a minha vida?), já quando descí à cave do prédio onde vivo à procura das páginas então sofregamente lidas, a dificuldade foi quase insuperável pois no meio dos estratos das velhas estantes, caixas, revistas, jornais, papéis não consegui localizar parte daqueles tesouros (quase) perdidos.

Por isso, como sempre, recorri à biblioteca pública, refúgio da memória, para melhor identificar, melhor recordar as leituras que marcaram os meus primeiros anos.

E o primeiro de que me lembro chamava-se *Contos para os nossos filhos*, organizado por Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo, uma recolha de contos de vários autores clássicos, como os Grimm ou H.C. Anderson, que meus pais liam em voz alta para me transmitirem o sentido do maravilhoso, a fantasia ou o apelo à imaginação, incentivando-me à descoberta do prazer da leitura.

Do tempo em que aprendi a ler recordo sobretudo colecções: a *Formiguinha*, de pequeníssimo formato, apresentando dezenas de títulos com contos tradicionais portugueses e a *Manecas*, com as diabruras do referido menino.

O quarto em que dormi nos meus primeiros anos de vida possuía um armário (dos “castelinhos”), pejado de livros, pertencentes ao meu avô, que para mim constituiu uma autêntica arca do tesouro.

Foi aí que muito cedo descobri Júlio Verne, na edição do séc. XIX da Companhia Nacional Editora: fui um herói de 15 anos, passei dois anos de férias numa ilha misteriosa, mas para lá chegar percorri 20 000 léguas submarinas. E dei a volta ao mundo em 80 dias, fiz uma viagem ao centro da terra e depois fui à lua, andando cinco semanas em balão.

Também nesse armário encontrei Salgari e a saga do *Corsário Negro*, dos seus familiares e amigos (havia um português entre eles) e com ele realizei viagens alucinantes pelo Mar das Caraíbas, travando combates em que a honra e a coragem eram valores inalienáveis.

Com P. Féval, combati ao lado de Lagardère na França dos espadachins sem medo e com A. Bonneau, cavalguei e disparei ao lado de Catamount no Oeste selvagem, iniciando-me na leitura dos livros de “cóbois” que depois cultivei intensamente com as colecções da Agência Portuguesa de Revistas (Bisonte, Búfalo, etc.).

Mas havia outras colecções, como a “Quer saber”, da Civilização, que me permitiram conhecer e admirar grandes vultos da humanidade, como Edison e Louis Pasteur, Madame Curie e Florence Nightingale, Mozart e Beethoven.

Ainda sem televisão, com o cinema quase inacessível, a leitura dominava os tempos livres (e outros), sendo feita noutros suportes, como hoje se diria: as histórias aos quadradinhos e os jornais.

E assim desse período, não posso esquecer *O Senhor Doutor*, um jornal infantil dos anos 30, que tinha pertencido a minha mãe, onde delirava com “A triste vida da alegre família Pipocas”. Mas recordo, sobretudo, as quintas feiras quando aguardava febrilmente, na mercearia onde era vendido, a chegada da *O Mundo de Aventuras* com as histórias em continuação do Mandrake, Brigue Forte, Luís Euripo, João Tempestade e outros heróis da BD com nomes zelosamente aporuguesados.

Por essa altura, duas vezes por semana, também devorava *A Bola* que o meu pai, antigo futebolista, assinava e onde ia sempre procurar os relatos dos jogos, as entrevistas e as notícias da minha Académica.

O primeiro livro que me recordo de comprar (custou-me 15 escudos) foi a 4ª edição de *Citânia e Sabroso*, de Mário Cardozo, resultado de um passeio que fiz em 6 de Outubro de 1957 (escrevi-o na primeira página do exemplar) com os meus pais a Briteiros, onde certamente nasceu o meu fascínio pela arqueologia.

E há, finalmente, um outro livro inesquecível, este também no domínio puro dos afectos. Tinha feito nove anos, acabara de passar para a 4ª classe, andava, não sei porquê, fascinado pelos animais antediluvianos, pelos dinossauros. E os meus pais então ofereceram-me a *Viagem à aurora do mundo*, do romancista brasileiro Erico Verissimo, que insolitamente abordava aquele tema, com a seguinte dedicatória: *que este livro que te oferecemos no dia da tua passagem da 3ª para a 4ª classe, seja para ti “uma viagem à aurora dos livros” e que o gosto pela leitura seja propícia para um futuro de homem estudioso, competente e bom. Viriato e Gina (2 de Julho de 1956).*

Não era um livro adequado à minha idade e aos meus conhecimentos, lê-lo foi uma façanha arduamente conseguida (acho que não percebi nada), mas o gosto pela leitura, com o amor de meus pais, ficou-me para toda a vida.

Só posso falar de 10 livros? E o Raffles, os policiais, o Dumas, o E. D’Amicis, o M. Twain, o Robinson, *O Pequeno Lord*, a Condessa de Ségur, a Biblioteca dos Rapazes? Que fazer deles se continuam vivos no meu coração? ■

Henrique Barreto Nunes nasceu em Monção em 1947, licenciou-se em História pela Faculdade de Letras de Coimbra (onde se formou como cidadão com a crise académica de 1969), vive em Braga e é bibliotecário.